

O uso de plantas com propriedades medicinais antes de Cristo: a origem da fitoterapia

Lavínia Jardim¹

Universidade de Araraquara

Flávia Cristina Sossae²

Universidade de Araraquara

Maria Lúcia Ribeiro³

Universidade de Araraquara

RESUMO

Um dos métodos mais antigos de cura utilizados pela humanidade foi o uso das plantas medicinais, portanto, o presente artigo tem por intuito levar o leitor há uma viagem histórica, que detalhar parte do uso destas no período antes de Cristo (a.C), a fim de compilar informações que possam auxiliar no resgate etnobotânico e impulsionar novas pesquisas dentro desta área de estudo. Uma vez que, as plantas perpassaram o cotidiano de grandes civilizações que antecederam as atuais, auxiliando no sucesso evolutivo da nossa espécie e, estas informações, por conterem conhecimentos e técnicas desenvolvidas ao longo dos séculos, trazem benefícios para as sociedades modernas, pois, podem fomentar e embasar novas pesquisas e descobertas dentro das mais diversas áreas de estudo.

Palavras-chave: Plantas medicinais; etnobotânica; civilizações antigas; início da fitoterapia.

The use of plants with medicinal properties before Christ: the origin of phytotherapy

ABSTRACT

One of humanity's oldest healing methods was through medicinal plants. Therefore, this article aims to take the reader on a historical journey that details part of their use

¹Mestra em Desenvolvimento Territorial e Meio ambiente pela Universidade de Araraquara (UNIARA). Universidade de Araraquara. Araraquara, SP, Brasil. Rua Voluntários da Pátria, 1309 e 1295, Bairro Centro, Araraquara, SP, Brasil, CEP 14801-320. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1837-9701>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5569676662874773>. E-mail: ljardim@uniara.edu.br.

²Doutora em Botânica pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Botucatu. Professora do Curso de Ciências Biológicas e da Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente e, coordenadora do Curso de Especialização Diagnóstico, Monitoramento Ambiental e Recuperação de Áreas Degradas da UNIARA. Universidade de Araraquara. Araraquara, SP, Brasil. Rua Voluntários da Pátria, 1309 e 1295, Bairro Centro, Araraquara, SP, Brasil, CEP 14801-32. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8531-6933>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8245880046039472>. E-mail: fcsossae@uniara.edu.br.

³Doutora em Química pela UNESP- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FCLar) de Araraquara. Professora do Curso de Ciências Biológicas e da Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da UNIARA. Universidade de Araraquara. Araraquara, SP, Brasil. Rua Voluntários da Pátria, 1309 e 1295, Bairro Centro, Araraquara, SP, Brasil, CEP 14801-32. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3654-8831>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4093825086696897>. E-mail: biluribeiro@uniara.edu.br.

in the period before Christ (a.C), in order to compile information that can help in the ethnobotanical rescue and in the investigation of new research within this area of study. Since plants permeated the daily lives of great civilizations that preceded the current ones, helping in the evolutionary success of our species, this information, by containing knowledge and techniques developed over the centuries, brings benefits to modern societies, as it can encourage and support new research and discoveries within the most diverse areas of study.

Keywords: Medicinal plants; ethnobotany; ancient civilizations; beginning of phytotherapy.

El uso de plantas com propriedades medicinales antes de Cristo: el origem de la fitoterapia

RESUMEN

Uno de los métodos de curación más antiguos utilizados por la humanidad fue el uso de plantas medicinales. Por ello, el presente artículo tiene como objetivo llevar al lector a un viaje histórico que detalla parte del uso de estas plantas en el período anterior a Cristo (a.C), con el fin de recopilar información que pueda contribuir al rescate etnobotánico y estimular nuevas investigaciones en esta área de estudio. Las plantas formaron parte del día a día de grandes civilizaciones que precedieron a las actuales, desempeñando un papel importante en el éxito evolutivo de nuestra especie. Esta información, al contener conocimientos y técnicas desarrolladas a lo largo de los siglos, ofrece beneficios a las sociedades modernas, ya que puede fomentar y fundamentar nuevas investigaciones y descubrimientos en diversas áreas del conocimiento.

Palabras clave: Plantas medicinales; etnobotánica; civilizaciones antiguas; inicio de la fitoterapia.

INTRODUÇÃO

O conhecimento a respeito das plantas medicinais fez parte da evolução humana ao longo desses mais de 300 mil anos de história da humanidade (BADKE, 2008), no entanto seria quase impossível achar o marco zero onde o homem (*Homo sapiens*), ou seus ancestrais, passaram a fazer uso das plantas com interesse em suas propriedades medicinais (JARDIM, 2024).

Alguns pesquisadores, como Devienne *et al.* (2004), Figueiredo-Lima (2013) e Rocha *et al.* (2021), por exemplo, com o intuito de demarcar dentro de suas pesquisas o início desta utilização, citam registros fósseis de aproximadamente 60 e 50 mil anos que são capazes de comprovar o uso de espécies vegetais no cuidado com a saúde. Porém, ainda assim, não podemos alegar que o uso tenha se iniciado nesta época, visto que, existem outros registros arqueológicos, como os descritos por Lietava (1992) e Brasil (2022), que ao se relacionarem com outros trabalhos, além de corroborarem com estas informações, permitem suposições quanto a datações anteriores, pois mencionam a existência de pinturas rupestres, resíduos botânicos e informações sobre o cultivo de plantas durante o Paleolítico Médio (250 mil anos a 50 mil anos a.C).

Ainda que existam dúvidas quanto ao início da utilização, diante do que é exposto na literatura, elucida-se que o homem primitivo, desde os tempos imemoráveis, buscou descobrir na natureza soluções para suas necessidades básicas como a nutrição, a reprodução e a proteção (DEVIENNE *et al.*, 2004). Estes hominídeos, que foram fazendo uso das plantas

medicinais e introduzindo-as no cotidiano dos grupos, puderam melhorar as condições de vida da sua espécie, propiciando, não só o deslocamento dos mesmos ao redor do globo durante o período neolítico, mas também a formação das primeiras cidades, e algumas doenças que anteriormente levavam parte das tribos à morte, passaram a ser tratadas com espécies vegetais, permitindo que a adesão do uso das plantas se tornasse cada vez maior (DEVIENNE *et al.*, 2004; LORENZI; MATOS, 2008; BRAGA, 2011; ROCHA *et al.*, 2021; JARDIM *et al.*, 2023).

Ressalta-se que, após a formação das primeiras cidades há cerca de 6.000 anos, o cultivo de plantas, que já era desenvolvido desde a revolução agrícola, há cerca de 10.000 anos, passou a ser mais organizado (PINSKY, 2011; LÓPEZ; SILVA, 2024), e com o advento da escrita, por volta de 3.500 anos antes de Cristo (a.C), o homem passou a registrar de maneira clara estes saberes relacionados ao cultivo e a utilização de plantas, o que além de facilitar a transmissão e a perpetuação do conhecimento, que outrora era apenas oral, possibilitou demonstrar como as plantas foram disseminadas e utilizadas dentro de cada civilização (BRASIL, 2019), bem como, de que maneira as mesmas auxiliaram e ainda auxiliam na saúde e, manutenção, não só dos povos, mas também de seus valores, crenças e culturas (BRASIL, 2012).

Por meio destas escrituras, observa-se que houve um amplo emprego de plantas medicinais, em todos os tempos, em todas as camadas sociais e na maioria das civilizações (OLIVEIRA *et al.*, 2006), com destaque para mesopotâmicos, egípcios, chineses, gregos e hindus que são mencionados na maioria dos trabalhos etnobotânicos como os precursores no uso de remédios à base de plantas (ALMEIDA, 2011; RIBEIRO, 2015; BRASIL, 2019; JORGE, S.D). Sendo assim, se pudéssemos voltar no tempo, há 4.000- 1.500 anos a.C, lá estariam os mesopotâmios usando cedro (*Cedrus sp.*) (RIBEIRO; GUIMARÃES, 2013), os egípcios a papoula (*Papaver somniferum*), os chineses descobrindo o ginseng (*Panax ginseng*) (BRAGA, 2011), os gregos fazendo uso de meimendro (*Hyoscyamus niger*) (BRASIL, 2022) e os hindus disseminando o uso de açafrão (*Curcuma longa*) (MARCHI *et al.*, 2016), plantas que contribuíram para a farmacopeia moderna e que em alguns casos, tiveram suas propriedades medicinais comprovadas cientificamente.

Diante da importância das plantas medicinais, consideradas o método de cura mais antigo da humanidade, que de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), são os vegetais que possuem um ou mais órgãos com substâncias que podem ser utilizadas para fins terapêuticos ou que atuem na produção de fármacos semi sintéticos (WHO, 1998), e uma vez que, torna-se possível fazer o resgate deste conhecimento a partir de revisões da literatura, o presente artigo tem por intuito levar o leitor há uma viagem histórica que detalha parte do uso das plantas medicinais no período a.C, a fim de compilar informações que possam auxiliar no resgate etnobotânico e impulsionar novas pesquisas dentro desta área de estudo.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica e descreve parte da trajetória das plantas medicinais desde a pré-história até séculos antes do nascimento de Cristo (a.C). Salienta-se que o termo “antes de Cristo” ou “a.C” foi adotado nesta pesquisa,

visto que, o mesmo é tido como um marco temporal, que apesar de estar vinculado a um evento religioso, após a indicação de Dionísio, por volta de 532 da nossa era, passou a compor o calendário ocidental e vem sendo utilizado para contar e registrar o tempo em eras (MARQUES, 2006; VEYNE, 2011; LOPES, 2012).

Diante da estruturação do estudo, podemos considerá-lo, de acordo com as classificações abordadas por Brasileiro (2021), como uma revisão de cunho histórico, posto que, o trabalho busca recuperar a evolução do tema, por meio de referências que são capazes de explicar os fatores determinantes de um objeto de estudo, bem como suas implicações e as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Ao que se refere ao meio investigativo escolhido, ressalta-se que revisões bibliográficas tem como base o levantamento de informações sobre um determinado assunto publicado em livros, jornais, revistas etc, e quando bem elaboradas e organizadas, tornam-se de suma importância, pois, determinam avanços e lacunas do conhecimento a respeito do objeto de estudo (TRENTINI; PAIM, 1999; MARCONI; LAKATOS, 2003).

Após delimitação do tema, que deriva de um capítulo presente na dissertação intitulada “Uso de plantas medicinais por usuários do Sistema Único de Saúde em um município do interior do estado de São Paulo”, a primeira etapa realizada para a execução da revisão bibliográfica foi a escolha das bases de dados que seriam consultadas. Sendo assim, e tendo em vista as afirmativas de Gil (2002), que considera a internet um dos mais importantes veículos de informações da atualidade, uma vez que, esta ferramenta é capaz de gerar uma maior conveniência quando utilizarmos seus sistemas de busca, que facilitam a procura e o agrupamento de material pertinente, decidiu-se utilizar trabalhos contidos em bases dados online incluindo Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e ScienceDirect.

Após esse levantamento em plataformas online, houve a consulta de informações em livros físicos, disponíveis tanto na biblioteca da Universidade de Araraquara (UNIARA) quanto no acervo literário das autoras, pois, ainda que as bases online sejam capazes de fornecer grande número de informações, bibliotecas e acervos com livros físicos em estantes que podem ser consultadas pelos pesquisadores, são de grande valia, pois permitem que o pesquisador encontre livros com temas relevantes devidamente catalogados, o que facilita a procura e o agrupamento de informações (GIL, 2002).

Em ambos os casos esta busca nas bases de dados foi feita a partir de frases e palavras-chaves gerais como: plantas medicinais; plantas medicinais no mundo, estudos etnobotânicos; história das plantas medicinais e plantas medicinais no mundo antigo; e à medida que os trabalhos foram sendo compilados e lidos, palavras chaves mais específicas foram sendo usadas como: Plantas medicinais na China antiga, medicina hipocrática, medicina chinesa e medicina Ayurvédica. Ao longo deste processo, deu-se preferência aos trabalhos em língua portuguesa, com textos completos e gratuitos, que foram realizados entre 1995 e 2024, e que de alguma forma poderiam contribuir para elaboração de uma linha temporal que interligasse os primórdios da utilização das plantas medicinais a sua utilização dentro das principais civilizações que vieram antes de Cristo.

A busca foi realizada por termos individualizados, utilizando palavras-chave no campo de pesquisa no SciELO, ScienceDirect e ReBraM. No Google Acadêmico a busca foi realizada a partir de algumas frases que poderiam fazer referência à trabalhos que já foram publicados; é importante ressaltar que esta plataforma permite a utilização de alguns filtros de busca que podem ser selecionados no campo esquerdo da tela, por decorrência, foram utilizados os seguintes critérios: “A qualquer momento”, “Ordenar por relevância”, “Em qualquer idioma”, “Qualquer tipo” e “Incluir citações”. Os trabalhos foram selecionados considerando os títulos, privilegiando os mais relevantes, ou que apresentassem o maior número de palavras-chaves, obteve-se um total de 70 trabalhos, incluindo teses, dissertações, livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso e documentos oficiais de divulgação do Estado, os quais foram utilizados também para a escrita da introdução do artigo.

Após seleção inicial, os resumos e as introduções disponíveis nos estudos foram lidos, tendo como finalidade verificar se atendiam aos critérios estabelecidos. Sendo assim, aqueles que não estavam nos critérios de inclusão foram desconsiderados, e por fim, foram selecionados 46 trabalhos para a redação do artigo, os quais foram comparados e utilizados para a construção da Quadro 1 presente nos resultados, bem como para redação da discussão.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Diante das informações compiladas no material consultado e tendo como base quatro critérios, sendo eles: civilização, período em anos, plantas medicinais utilizadas e local de registro, tornou-se possível a construção de um quadro cronológico (Quadro 1), que auxilia na linearidade das informações a respeito da utilização de plantas medicinais no período antes de Cristo. Estes critérios foram escolhidos uma vez que, para detalhar parte do uso das plantas medicinais, se faz necessário destacar quais civilizações apresentavam o hábito de utilizar plantas medicinais, de qual período são os registros que correlacionam as plantas a seus usuários, quais plantas foram utilizadas e constam em estudos sobre as respectivas civilizações e, quais, ou onde, foram armazenadas ou descritas estas plantas, bem como seu uso.

Quadro 1- Cronologia do uso de plantas medicinais por civilizações do período Antes de Cristo.

Civilização	Período em anos	Plantas medicinais utilizadas	Local de Registro
Neandertais (África)	250.000 - 50. 000 a.C	Camomila (<i>Matricaria recutita</i> L.) e mil-em-ramas (<i>Achillea millefolium</i> L.).	Pinturas rupestres Túmulos
Chineses	5.000 - 2.698 a.C	Acônito (<i>Aconitum napellus</i> L.), cânfora (<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J.Presl), C'hang Shang (<i>Dichroa febrifuga</i> Lour.), ginseng (<i>Panax ginseng</i> C. A. Meyer.) e ruibarbo (<i>Rheum officinale</i> Baill.).	Livro Shennong Pen T'são
Mesopotâmios	5.000 - 2. 500 a.C	Alcaçuz (<i>Glycyrrhiza glabra</i> L.), alho (<i>Allium sativum</i> L.), cedro (<i>Cedrus sp.</i>), figo (<i>Ficus caria</i> L.), gálbano (<i>Ferula Galbaniflua</i> Boiss. & Buhse),	Placas de argila (Código de Hamurabi)

		lótus (<i>Nymphaea sp.</i> L.), mandrágora (<i>Mandragora autumnalis</i> Bertol.), meimendro (<i>Hyoscyamus sp.</i>), menta (<i>Mentha x piperita</i> L.), oliveira (<i>Olea europaea</i> L.), papoula/ópio (<i>Papaver somniferum</i> L.) e tomilho (<i>Thymus vulgaris</i> L.).	
Egípcios	3.000 -1.500 a.C	Acácia (<i>Acacia sp.</i>), açafrão (<i>Curcuma longa</i> L.), acônito (<i>Aconitum napellus</i> L.), alcaravia (<i>Carum carvi</i> L.), alho (<i>Allium sativum</i> L.), aloe (<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.), cássia (<i>Cassia sp.</i>), cebola (<i>Allium cepa</i> L.), cedro (<i>Cedrus sp.</i> L.), centeio (<i>Secale cereale</i> L.), cicuta (<i>Conium maculatum</i> L.), erva-bestearia (<i>Helleborus foetidus</i> L.), fava (<i>Vicia faba</i> L.), figo (<i>Ficus carica</i> L.), funcho (<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.), hortelã-pimenta (<i>Mentha piperita</i> L.), linho (<i>Linum usitatissimum</i> L.), meimendro (<i>Hyoscyamus sp.</i>), mirra (<i>Commiphora myrrha</i> (T. Nees) Engl), papoula/ ópio (<i>Papaver somniferum</i> L.), rícino (<i>Ricinus communis</i> L.), salgueiro (<i>Salix sp.</i>) e tâmaras (<i>Phoenix dactylifera</i> L.).	Papiro de Ebers, Berlim, Smith, Kahun, Hearst, Londres, Chester Beatty, Brooklyn, Carlsberg, Leyde
Gregos	2.000 a.C.- 300 a.C	Açafrão (<i>Curcuma longa</i> L.), aipo (<i>Apium graveolens</i> L.), alcaçuz (<i>Glycyrrhiza glabra</i> L.), alecrim (<i>Salvia rosmarinus</i> L.) alho (<i>Allium sativum</i> L.), aspargos (<i>Asparagus officinalis</i> L.), carvalho (<i>Quercus sp.</i>), centaurea (<i>Centaurium umbellatum</i> Gilib.), cinamomo (<i>Melia azedarach</i> L.), heléboro perfumado (<i>Helleborus odorus</i> Waldst. & Kit. ex Willd), mandrágora (<i>Mandragora officinarum</i> Bertol.), meimendro (<i>Hyoscyamus sp.</i>), menta (<i>Mentha sp.</i>) papoula (<i>Papaver somniferum</i> L.), romã (<i>Punica granatum</i> L.), salsa (<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss) e sálvia (<i>Salvia officinalis</i> L.).	Livro Corpus Hippocraticum e História das plantas
Hindus	1.500 a.C – 600 a.C	Acônito (<i>Aconitum napellus</i> L.), açafrão-da-terra (<i>Curcuma longa</i> L.), aloé (<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.), ashwagandha (<i>Withania somnifera</i> (L.) Dunal), canela (<i>Cinnamomum sp.</i>), coentro (<i>Coriandrum sativum</i> L.), cominho (<i>Cuminum cyminum</i> L.), cravo (<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M.Perry), feno-grego (<i>Trigonella foenumgraecum</i> L.), gengibre (<i>Zingiber officinale</i> Roscoe.), haritaki (<i>Terminalia chebula</i> Retz.), e noz-moscada (<i>Myristica fragrans</i> Houtt.).	Livro Sushruta-samhita e Ayurveda

Civilização= Quem fazia o uso das plantas; Período em anos = De quando são os registros; Plantas medicinais utilizadas= Quais plantas foram citadas em trabalhos que apresentam informações sobre as civilizações, bem como seu uso de plantas medicinais; Local de registro; Onde foram encontrados os registros arqueológicos e as menções referentes a estas plantas.

Fonte:Elaboração pelos autores, 2024.

Ressalta-se que não sabermos com exatidão em que momento nossos ancestrais descobriram que as plantas continham propriedades medicinais, sendo assim, surge uma dificuldade em se traçar está linha a respeito do uso terapêutico destas, principalmente no período da pré-história, que é anterior a escrita. Pesquisadores como Radomski (2003), Sigolo (2015), Lópes e Silva (2024) mencionam que o uso de plantas como remédio pelos seres humanos talvez seja tão antigo quanto sua origem; contudo, Devienne *et al.* (2004), Figueiredo-Lima (2013) e Rocha *et al.* (2021), ao pontuar o princípio da utilização, citam registros de aproximadamente 60 e 50 mil anos que são capazes de comprovar o uso de espécies vegetais no cuidado com a saúde.

De acordo com informações científicas, desde o surgimento das primeiras plantas fósseis, durante o período Siluriano, há 439 milhões de anos, estes organismos fotossintetizantes vêm, ao passo que foram se diferenciando e evoluindo, impactando a vida na Terra e contribuindo para a existência de novos seres, incluindo os seres humanos (RAVEN *et al.*, 2014). Por decorrência, podemos inferir que quando os primeiros hominídeos caminharam sobre o planeta, entre o Plioceno e o Pleistoceno, que vai de 5,2 milhões de anos a 1,6 milhões de anos (RAVEN *et al.*, 2014), as plantas já compunham a paisagem terrestre e, possivelmente, estavam inseridas no cotidiano dos mesmos, tendo em vista que, os demais primatas, por serem onívoros, já faziam o uso de plantas (FLANDRIN; MONTANARI, 1998).

Autores como Devienne *et al.* (2004) deduzem que, na busca por recursos da natureza que poderiam melhorar as condições de vida, aumentando as chances de sobrevivência e propiciando assim uma melhor adaptação ao meio, os primeiros hominídeos passaram a fazer o uso das plantas. Sendo assim, ao passo que estas foram sendo introduzidas nos grupos, tanto como matéria prima na confecção de artefatos, quanto na alimentação, estes homens primitivos foram percebendo que os alimentos apresentavam benefícios também no tratamento de doenças (LORENZI; MATOS, 2008; BRAGA, 2011; ROCHA *et al.*, 2021; LÓPEZ; SILVA, 2024), uma vez que, a linha que separa os alimentos dos medicamentos pode ser tênue, ou até inexistente (SIGOLO, 2015).

Registros arqueológicos, como os descritos por Lietava (1992) e Brasil (2022), além de corroborar com as datações apresentadas, quando somados a outros trabalhos, permitem suposições quanto a datações anteriores e possibilitam uma linearidade de informações ainda maior. Estes autores sugerem que o homem Neandertal, durante o Paleolítico Médio (250 mil anos a 50 mil anos a.C), já fazia o uso de plantas, incluindo as medicinais. Dado que se reforça quando Longrich (2024) descreve que há 250 mil anos os hominídeos dominavam técnicas de caça e coleta e, tinham o hábito de colher plantas e sementes.

Os autores são responsáveis por destacarem outros elementos pertinentes. Dentre estes, Brasil (2022) expõe a existências de pinturas rupestres que correlacionam plantas às partes do corpo humano, bem como, menciona resíduos botânicos de espécies como a camomila (*Matricaria recutita*) e mil-em-rama (*Achillea millefolium*) que foram encontrados

juntamente a restos de Neandertais. Informação que corrobora com Longrich (2024), pois, o autor expõe que os Neandertais desenvolviam pinturas em cavernas e, apesar de serem tidos como uma espécie primitiva, já apresentavam senso estético e se relacionavam com o espiritual, inclusive enterrando seus mortos com flores, hábito também citado por Pomeroy *et al.* (2020) ao expor a descoberta de túmulos com flores na Caverna Shanidar.

Lietava (1992) aponta que por muito tempo as plantas encontradas em covas foram vistas apenas como adornos ou partes de rituais funerários ligados a religiosidade. Porém, de acordo com o mesmo, nas últimas décadas, diante de outras descobertas sobre o período, estas passaram a ser interpretadas como plantas de interesse medicinal, devido forma que haviam sido sepultadas junto aos corpos.

De acordo com Radomski (2003), Corbi (2014), Oliveira *et al.* (2006), Brasil (2022) e Lópes e Silva (2024), neste período, para a escolha das plantas que seriam utilizadas na alimentação ou no tratamento de doenças, os hominídeos valiam-se de suas experiências empíricas de acerto e erro, bem como, da observação do uso de plantas por animais (mariposas, borboletas, tigres, ursos, primatas e lobos). Albuquerque (2020) menciona que o amargor presente em algumas plantas consumidas teria sido sinalizado aos nossos ancestrais como a presença de potencial medicinal, e sendo assim, à medida que estes vegetais eram empregados para os tratamentos de saúde e apresentavam efeitos benéficos, eram selecionados pelos grupos como medicamentos.

Outras teorias que buscam nortear o início desta utilização para fins medicinais pautam-se na perspectiva mágico-simbólica, pois, citam que nossos ancestrais passaram a utilizar as plantas por observar as variações sazonais que estas sofriam, bem como suas características únicas e suas capacidades regenerativas. Além destes se deslumbrarem com a diversidade de plantas existentes, passaram a acreditar que os vegetais continham grande sabedoria, previam as estações do ano, bem como eram seres divinos que poderiam se comunicar com eles, ou, quando somados a outros elementos da natureza, deixá-los doentes (LORENZI; MATOS, 2008; ROCHA *et al.*, 2021). Portanto, estes passaram a empregá-las em rituais, com vieses religiosos, que buscavam aproximar o homem do divino, o que propiciou a descoberta dos efeitos terapêuticos e alucinógenos das plantas (CAVALLAZZI, 2006; LORENZI; MATOS, 2008; MARCHI *et al.*, 2016; ROCHA *et al.*, 2021).

Corroborando com a informação a respeito das observações de características, existe a teoria *Signatura Rerum* (Teoria das Assinaturas), atribuída a Paracelso (RADOMSKI, 2003). Segundo seus dizeres, todo ser da natureza recebe a imagem da virtude que ele guarda dentro de si, ou seja, quando os sinais de uma planta, baseados na morfologia externa (forma, cheiro, cor, habitat etc) são observados atentamente, eles revelam a atividade terapêutica que a mesma possui. Seguindo este princípio, o feijão, que se assemelha a um rim, seria útil para problemas renais; enquanto as nozes poderiam ser empregadas para problemas no sistema nervoso central (DI STASI, 1996).

Ficou evidenciado que, ao longo dos processos biológicos e evolutivos, através das experiências e observações, os hominídeos perceberam que os vegetais além de nutrir, curavam ou matavam os indivíduos (DEVIENNE *et al.*, 2004; BARBOSA, 2019), e sendo assim, foram transmitindo, oralmente, os conhecimentos adquiridos aos seus descendentes, de

geração em geração (VICTÓRIO; LAGE, 2008; MARCHI *et al.*, 2016; ROCHA *et al.* 2021; LÓPEZ; SILVA, 2024).

No princípio, cada grupo utilizava os recursos naturais de que dispunham, contudo, posteriormente, à medida que o homem se espalhava pelo planeta, além da descoberta de novas espécies vegetais, que eram assimiladas aos seus conhecimentos, levavam consigo alguns exemplares de sua região, permitindo uma troca de informações e espécies (LÓPEZ; SILVA, 2024). Estes fatores, durante a revolução agrícola e neolítica (entre 10 mil e 12 mil anos atrás), somados a uma série de outros acontecimentos, incluindo o início dos acampamentos mais estruturados que dariam lugar a cidades, permitiu uma manipulação da biota ainda maior, o que resultou na domesticação de plantas e animais (PINSKY, 2011; ALBUQUERQUE, 2020). Posteriormente, com a formação das primeiras cidades, há cerca de 6.000 anos a.C, o cultivo de plantas, que já vinha se desenvolvendo desde a revolução agrícola, passou a ser mais organizado (PINSKY, 2011; LÓPEZ; SILVA, 2024), e com o advento da escrita, por volta de 3.500 anos a.C, estes conhecimentos passaram a ser registrados dentro de cada civilização, facilitando o resgate histórico destas informações (BRASIL, 2019).

Dentre as civilizações que merecem destaque quanto à organização do conhecimento em escrituras, temos os chineses, pois, além destes apresentarem uma das maiores tradições no uso de plantas medicinais, possuem manuscritos datados de 5.000 a.C, nos quais estão registros da utilização, por seus imperadores, de ginseng (*Panax ginseng*), acônito (*Aconitum napellus*), ruibarbo (*Rheum officinale*) e cânfora (*Cinnamomum camphora*) (ALVES, 2005; SIGOLO, 2015; RIBEIRO, 2019). Esta relação da China com as ervas medicinais é tão antiga que, por volta de 4.000 a.C, os mesmos já conheciam o uso das fibras de *Cannabis sativa* (PERNONCINI; OLIVEIRA, 2014) e segundo uma lenda chinesa foi o próprio imperador Shen Nung que descobriu a erva do chá, por volta de 2.737 a.C. (RIBEIRO, 2019; BRASIL, 2019).

No que diz respeito ao Sheng Nung, tanto França *et al.* (2008) quanto Palharin *et al.* (2008), Figueiredo-Lima (2013), Portelinha *et al.* (2018), Ribeiro (2019) e Perpétuo *et al.* (2019) mencionam que a ele é atribuído um dos primeiros registros de fitoterápicos datado de 2.838-2.698 a.C. Segundo as informações expostas pelos autores, o imperador chinês, conhecido como “pai da medicina e farmacologia chinesa” teria catalogado entre 360 e 365 ervas medicinais e venenosas no documento denominado de “*Shennong Pen T’são*”, ou também conhecido como “a grande fitoterapia” (2.800 a.C), das quais, aproximadamente, 252 apresentavam origem botânica, 67 animal e 46 mineral. Ressalta-se que estas ervas estavam divididas em três níveis, podendo estas serem consideradas **superiores**, não-tóxicas, responsáveis por evitar o envelhecimento e prolongar a vida; **intermediárias**, não-tóxicas e tóxicas, responsáveis por prevenir doenças e auxiliarem no fortalecimento do corpo; e, **inferiores**, majoritariamente tóxicas, que poderiam curar efetivamente as doenças.

Perpétuo *et al.* (2019) descreve que, o imperador, tinha um dos maiores jardins botânicos da época, no qual ficam contidas as plantas medicinais e tóxicas estudadas por ele. Dentro deste ervanário, de acordo com Alves (2005) a erva C’hang Shang (*Dichroa febrifuga*)

apresentava grande destaque e, em pesquisas posteriores demonstrou conter um alcaloide antimalárico.

Ressalta-se que estes documentos recebiam a inclusões de espécies ao longo das dinastias chinesas, e só a dinastia Tang foi responsável por incluir outras 844 espécies nas escrituras (RIBEIRO, 2019).

Apesar de muitos autores declararem que a China seria a portadora dos primeiros registros sobre as ervas medicinais, tanto os mesopotâmicos quanto os egípcios apresentam escrituras com datações do mesmo período (LÓPEZ; SILVA, 2024; FIGUEIRA-LIMA, 2013). Diante das referências, foi possível, observar que o hábito de utilizar plantas e registrar este conhecimento de maneira escrita se deu de forma simultânea em algumas civilizações.

De acordo com Palharin *et al.* (2008), existem registros históricos que comprovam que na civilização mesopotâmica, os sumérios faziam o uso de ervas para fins medicinais em 5.000 a.C e, Ribeiro e Guimarães (2013), expõem que os mesopotâmios possuem manuscritos detalhados sobre plantas medicinais com datação aproximada de 2.600 anos a.C. Este dado corrobora com Oliveira (2011) , que menciona a existência de evidências arqueológicas do mesmo período vinculadas aos povos babilônicos e sumérios, e com López e Silva (2024), que relata os sumérios sendo os primeiros a organizar uma coleção que descrevia plantas medicinais, bem como sua organização em famílias, há cerca de 3.000 anos a.C.

Segundo as escrituras, os babilônios e sumérios tinham o hábito de utilizar, em seus remédios, frutos, folhas, flores, cascas e raízes (DEVIENNE *et al.*, 2004), podendo estas serem de: Cedro (*Cedrus sp.*), alcaçuz (*Glycyrrhiza glabra*), papoula (*Papaver somniferum*), lótus (*Nymphaea sp.*), alho (*Allium sativum*), figo (*Ficus carica*) e oliveira (*Olea europaea*) (DEVIENNE *et al.*, 2004; OLIVEIRA, 2011; LEONEL; SAMPAIO, 2011; RIBEIRO; GUIMARÃES, 2013). Ressalta-se que estas e outras informações, incluindo textos com a descrição de venenos, registros médicos com os primeiros sintomas de doenças e prescrição de remédios para cada enfermidade, foram registradas, com escrita cuneiforme, em placas de barro e argila, com datação aproximada de 2.500 a.C há 3.000 a.C (JORGE, S.D; DEVIENNE *et al.*, 2004; CAVALLAZZI, 2006; RICO, 2018; ROCHA *et al.*, 2021; PERPÉTUO *et al.*, 2019; BRASIL; 2022).

De acordo com Carvalho e Barbosa (2023), os textos médicos da Mesopotâmia em escrita cuneiforme são, em sua maioria, escritos em acadiano e foram encontrados em diferentes cidades, incluindo Babilônia, Sippar, Nippur, Uruk, Nínive, Assur, Sultantepe e Ugarit. Dentre estes escritos, Rocha *et al.* (2021) e Vaz (2022), mencionam que o mais conhecido é o código Hamurabi, que descreve o uso de espécies vegetais bioativas, como o ópio (*Papaver somniferum*), o gálbano (*Ferula Galbaniflua*) e o meimendro (*Hyoscyamus sp.*), com datação de 3.000 a.C. Ainda, Cavallazzi (2006), Brasil (2022) e Jorge (S.D), mencionam uma placa de barro encontrada nas ruínas de Nippur, antiga cidade suméria que corresponde ao atual Iraque, na qual estão contidas informações sobre a utilização de algumas plantas como a menta (*Mentha x piperita*), o tomilho (*Thymus vulgaris*), e mandrágora (*Mandragora autumnalis*), bem como meimendro (*Hyoscyamus niger*) e ópio (*Papaver somniferum*), citados anteriormente.

Quanto aos egípcios, que além de serem conhecidos devido à arte da mumificação (ALMEIDA, 2011), um processo praticado cerca de 3.000 anos a.C que utilizava ervas como mirra (*Commiphora myrrha*) e cássia (*Cassia sp.*), bem como, vinho de palma e outros compostos na conservação dos corpos após a extração dos órgãos internos (BRAGA, 2011; BELTRÁN GUERRA, 2009). Também foram responsáveis por cultivarem duas plantas fundamentais na antiguidade para o registro da escrita, sendo uma o papiro (*Cyperus papyrus*), base da produção de “papel”, e a outra o juncos (*Juncus spp.*), instrumento com o qual se escrevia, e deixaram diversos documentos e textos que comprovam o uso de plantas medicinais no período a.C, dentre estes destaca-se os papiros de: Ebers, Berlim, Smith, Kahun, Hearst, Londres, Chester Beatty, Brooklyn, Carlsberg, Leyde (SIGOLO, 2015).

Figueira-Lima (2013) cita que dois desses documentos ficaram famosos por conter informações a respeito da medicina egípcia, sendo um o “Papiro de Edwin Smith” e o outro o “Papiro de George Ebers”. O Papiro de Smith com datação de 1.700 a 1.600 a.C, de acordo com o mesmo autor, é um documento com 4,5 metros que foi adquirido em 1.862 pelo egiptólogo Edwin Smith (1822-1906), na cidade de Luxor, onde constam referências datadas de 3000 a.C atribuídas a Imhotep (2.700 a. C.), o primeiro médico durante a V dinastia dos Faraós. Já o “Papiro de Ebers” adquirido pelo egiptólogo alemão George Moritz Ebers (1837-1898) em 1873, com datação de 1500 anos a.C, de acordo com Figueiredo- Lima (2013) e Rico (2018), este seria um dos maiores papiros já encontrados, com aproximadamente 20- 25 metros, onde consta a descrição de cerca de 800 fórmulas para tratamento de diversas doenças ou traumatismos, incluindo queimaduras e dentadas de crocodilos.

O “Papiro de Ebers”, com datação entre 1.500 a.C. e 1.600 a.C, pode ser considerado o documento mais significativo deste período relacionado às plantas e aos venenos, ele expõe, em escrita demótica, a relação dos egípcios com as plantas medicinais e com a medicina. O documento que se inicia com a frase “Aqui começa o livro da produção dos remédios para todas as partes do corpo humano ...” apresenta 125 plantas medicinais , 811 receitas médicas e, descreve muitas espécies como: acácia (*Acacia sp.*), acônito (*Aconitum napellus*), alcaravia (*Carum carvi*), alho(*Allium sativum*), aloe (*Aloe vera*), açafrão (*Curcuma longa*), cebola (*Allium cepa*), centeio (*Secale cereale*), cedro (*Cedrus sp.*), cicuta (*Conium maculatum*), erva-bestéira (*Helleborus foetidus*), fava (*Vicia faba*), figo (*Ficus carica*), funcho (*Foeniculum vulgare*), hortelã-pimenta (*Mentha piperita*), meimendro (*Hyoscyamus sp.*), papoula (*Papaver somniferum*), rícino (*Ricinus communis*), salgueiro (*Salix sp.*) e tâmaras (*Phoenix dactylifera*) que são utilizadas até os dias de hoje, dentre elas destaca-se a papoula, também citada como ópio (*Papaver somniferum*), que é fonte da morfina, da codeína e da papaverina, usada desde a antiguidade como sedativo e calmante (ELDIN; DUNFORD, 2001; DEVIENNE *et al.*, 2004; ALVES, 2005; ALMEIDA, 2011; BRAGA, 2011, RICO, 2018; PERPÉTUO *et al.*, 2019; ROCHA *et al.*, 2021; VAZ, 2022).

Outros papiros, como o de Londres (1350 a.C), o de Kahun (1850 a.C), o de Berlim (1350-1200 a.C) e o de Carlsberg (1450 a.C) são importantes por descreverem a ginecologia egípcia, nos quais constam, os métodos para detectar gravidez e de que maneira se dava a contracepção (CARVALHO; BARBOSA, 2023). Dentre os métodos para determinar a fertilidade, a gravidez e até mesmo o sexo do feto, consta nos textos, uma mistura de

sementes de emmer (*Triticum dicoccon*), ou também chamado de antigo trigo, e cevada (*Hordeum vulgare*), que deveriam ser umedecidas diariamente com urina da suposta grávida, neste caso, se ambas as sementes crescessem, ela estava realmente grávida, se só a cevada crescesse, a criança seria do sexo masculino, se apenas a emmer crescesse, a criança seria uma mulher e, se nenhum dos dois crescesse, ela não estava grávida (CARVALHO; BARBOSA, 2023). Para conter a gravidez, eram recomendados discos feitos de esterco de crocodilo pulverizado com ervas e mel, mistura capaz de bloquear a passagem do sêmen, assim como “anticoncepcionais” a base se espigas de acárias (*Acacia sp*) secas, que eram introduzidas na cavidade uterina, pois possuem uma goma que quando dissolvida, libera ácido láctico, composto utilizado até hoje pela indústria farmacêutica na composição de anticoncepcionais (CAVALLAZZI, 2006; CARVALHO; BARBOSA, 2023).

Há também outras civilizações antigas que merecem destaque quando nos referimos às plantas medicinais, os gregos e os hindus, por exemplo, são citados em diversos livros e apresentam uma infinidade de relatos a respeito das plantas medicinais, bem como, podem ser considerados pioneiros ao que diz respeito à relação planta-homem. Inclusive, muitas das ervas utilizadas no Egito vinham de outras regiões, incluindo a Grécia (CAVALLAZZI, 2006), mais especificamente da ilha grega de Creta, pois em 2.000 a.C. os cretenses dominavam o mar e o comércio no mediterrâneo e exportavam ervas como o açafrão (*Curcuma longa*) e a sálvia (*Salvia officinalis*) para o Egito (ALMEIDA, 2011).

A relação dos gregos com as plantas e com a medicina era tão forte que, Hipócrates (460- 377 a.C), por constatar a relação entre homem e o ambiente, bem como, ser o primeiro a sistematizar informações sobre plantas medicinais no ocidente e utilizá-las em seus tratamentos, ficou conhecido como o pai da medicina ocidental (BRASIL, 2019; PERPÉTUO *et al.*, 2019; ROCHA *et al.*, 2021; BRASIL, 2022). Hipócrates, ao qual se atribuí os dizeres “Que seu remédio seja seu alimento e que seu alimento seja seu remédio” (BRASIL, 2019; BRASIL, 2022), além de refletir sobre a relação entre a dor e a doença, preocupava-se, sobretudo, com a causa das doenças, estudou os riscos da superdosagem e os venenos utilizados na época, o que lhe permitiu, juntamente com conhecimentos advindo de outros povos, propor a teoria dos humores (CAVALLAZZI, 2006; FIGUEIRA-LIMA, 2013; RICO, 2018; PERPÉTUO, 2019).

Existem algumas contradições a respeito do repertório de espécies utilizadas pelo médico grego, contudo, Sigolo (2015) menciona que Hipócrates possuía aproximadamente 300 remédios de sua autoria e, de acordo com ROCHA *et al.*, 2021, o mesmo combinava em torno de 364 espécies vegetais em seus compostos. Dentre as plantas utilizadas por ele estão, de acordo com Brasil (2022), centaurea (*Centaureum umbellatum*), para tratar a febre; papoula (*Papaver somniferum*); meimendro (*Hyoscyamus sp.*) e mandrágora (*Mandragora officinarum*) como analgésicos; alho (*Allium sativum*) no tratamento de parasitas; carvalho (*Quercus sp.*) e romã (*Punica granatum*), na cicatrização de feridas; heléboro perfumado (*Helleborus odorus*) para induzir o vômito e; aipo (*Apium graveolens*), salsa (*Petroselinum crispum*) e aspargos (*Asparagus officinalis*), como diurético. Ainda a respeito das espécies, Sigolo (2015) infere que o alho (*Allium sativum*) era especialmente utilizado para o câncer uterino, o cinamomo (*Melia azedarach*) e o alcaçuz (*Glycyrrhiza glabra*) eram utilizados

como anti-inflamatório para úlceras na boca e dores no peito, a menta (*Mentha sp.*) servia para problemas digestivos e o alecrim (*Salvia rosmarinus*) melhorava deficiências da memória, informações que podem ser encontradas no documento “Corpus Hippocraticum” (BRAGA, 2011).

Entre os pensadores, Aristóteles é citado por manter, no séc. IV a.C, um jardim com mais de 300 espécies de ervas, que serviram de base para o estudo de seus discípulos, incluindo Theophrastus (RICO, 2018; BRASIL, 2019). Teofrasto, ou Theophrastus, que viveu em 300 a.C, ficou conhecido como Pai da Botânica e foi intitulado precursor da farmacognosia, por seus estudos com plantas. Como cita alguns autores, no séc. III a.C, o mesmo já tinha descrito precisamente, a morfologia, uso tóxico e medicinal, de aproximadamente 455 espécies de plantas que constituíram o primeiro Herbário Ocidental. O estudioso foi o responsável por escrever o livros “História das plantas” onde estão espécies vegetais relacionando as qualidades e peculiaridades, além do seu “Tratado dos odores”, o qual reúne a descrição detalhada de plantas medicinais e aromas que poderiam ser utilizadas em preparações, sendo este um livro base para futuros estudos de perfumaria e botânica. (DEVIENNE *et al.*, 2004; VICTÓRIO; LAGE, 2008; SIGOLO, 2015; ROCHA *et al.*, 2021).

Autores como Sigolo (2015), afirmam que a história do herbalismo grego envolve fatores diversos, como mitos, sistemas médicos, concepções de mundo, saberes e fazeres. Porém como afirma Rocha *et al.* (2021), ainda na antiguidade houve uma transição da medicina mágico-simbólica para a empírico-racional, que compreende a busca por explicações não sobrenaturais para o surgimento do universo e da vida, assim como para o processo saúde-doença e, de acordo com a historicidade apresentada por Brasil (2019), foram os próprios gregos, no século IV e VI a.C. que deram origem a este tipo de pensamento moderno bem como, as primeiras formas de medicina moderna, que passaram a ser utilizadas também no ocidente. Isso porque, com o aparecimento dos primeiros filósofos pré-socráticos, que questionavam e tentavam responder questões sobre a natureza, a partir da razão, deixando de lado religião e mitologia, surgiram os primórdios da ciência moderna.

Os gregos também devem muito do seu conhecimento a outros povos, dada as dinâmicas de troca de ervas e saberes que foram propiciadas a partir das navegações. Jorge (S.D) diz que muitas informações a respeito das plantas medicinais foram adquiridas dos indianos, egípcios e babilônicos e, de acordo com pesquisadores, o próprio Hipócrates, ao propor tratamentos que levavam em conta os quatro elementos (terra, fogo, ar e água), conhecido como conceito dos humores, onde existia a bile negra, o sangue, a bile amarela e a fleuma, que se relacionavam com os temperamentos do indivíduo, fazia uso dos ensinamentos da Ayurveda, disseminados pelos indianos. (CAVALLAZZI, 2006; DEVEZA, 2013).

Quanto aos hindus, Manfrini (2009) expõe que de acordo com as crenças e mitologias deste povo, quando o homem surgiu na Terra, o Deus Indra previu que a desarmonia dos atos humanos poderia gerar doenças, e sendo assim, pediu para Brahma, o Senhor absoluto, que depositasse nas plantas o poder de cura. Atendendo ao pedido de Indra, Brahma permitiu que as plantas, que até então eram semelhantes, ganhassem diversidade morfológica e terapêutica.

Ao que se refere às escrituras com descrições sobre o uso de plantas medicinais, na Índia antiga há duas que se destacam, sendo elas a Sushruta-samhita (600 anos a.C), onde

estão catalogadas 700 espécies vegetais, e a Ayurveda (1500 a.C), que mencionam plantas medicinais utilizadas até os tempos atuais, inclusive no Brasil, como o acônito (*Aconitum napellus*) e o aloé (*Aloe sp.*) (ROCHA *et al.*, 2021). Para os hindus, que por volta de 1.500 a.C já desenvolviam algumas técnicas cirúrgicas e de diagnóstico, as ervas eram consideradas as "filhas prediletas dos deuses", e nessa mesma época, já existiam registros referenciando-as em dois textos sagrados Veda- Aprendizado, e Ayurveda- Aprendizado de Longa Vida (FRANÇA *et al.* 2008; OLIVEIRA, 2011; SIGOLO, 2015; JORGE, S.D).

Sigolo (2015) menciona que, apesar de os primeiros registros do Ayurveda serem de 1500 a.C, não é possível datar com exatidão a sua origem, pois existem diferentes versões, em sua maioria ligada à mitologia hindu, que descrevem o seu surgimento. Ainda que, como exposto por Manfrini (2009), o Ayurveda, conhecido como "A Ciência da Vida", contemple a mais antiga e desenvolvida ciência das plantas medicinais já observada no mundo, tanto ele quanto Nery (2019), enfatizam que as práticas do Ayurveda transcendem o uso de plantas no combate a enfermidades; sendo assim, esta prática não é uma medicina hindu, ou uma forma de herbalismo, mas sim uma ciência que conecta a vida e o indivíduo, e se traduz como um caminho para atingir o equilíbrio da existência em consonância com as leis que regem o Universo e tudo que nele há.

As ferramentas utilizadas por esta medicina são: massagem ayurvédica, fitoterapia (uso de plantas medicinais), rotina de dieta, hábitos saudáveis, sudação, prática de yoga, meditação, óleos medicinais entre outras (SIGOLO, 2015). Muitas das ervas tradicionalmente usadas pela medicina Ayurvédica não possuem equivalentes no Ocidente como um todo; porém, acredita-se que cerca de 80% das plantas medicinais encontradas no sub-continente indiano existem no Brasil, tornando possível sua utilização de acordo com a tradição Ayurvédica, e há plantas no Ocidente que foram incorporadas ao Ayurveda ao longo do tempo. Dentre as ervas Ayurvédicas tradicionais que foram incorporadas na farmacopeia Ocidental estão: ashwagandha (*Withania somnifera*) e haritaki (*Terminalia chebula*). Há ainda muitas plantas ayurvédicas que são especiarias amplamente comercializadas, como é o caso do cravo (*Syzygium aromaticum*), da canela (*Cinnamomum sp.*), do cominho (*Cuminum cyminum*), da noz-moscada (*Myristica fragrans*), do gengibre (*Zingiber officinale*), do açafrão-da-terra (*Curcuma longa*) do coentro (*Coriandrum sativum*) e do feno-grego (*Trigonella foenumgraecum*) (MANFRINI, 2009; SIGOLO, 2015).

A farmacopeia ayurvédica classifica sistematicamente as plantas em treze categorias, e esta classificação é feita de acordo com características e propriedades apresentadas pela planta, podendo estas basear-se no sabor, em elementos morfológicos, efeitos, etc. Ressalta-se que apesar do tratamento do Ayurveda ser similar à nossa fitoterapia ocidental (SIGOLO, (2015).

Manfrini (2009) enfatiza que esta ciência apresenta muitos métodos de preparação e de aplicação das ervas que são bem específicos, como, por exemplo, o Bhashmas (preparado com cinzas de ervas e metais) e a decocção de cristais e metais juntamente com as ervas para incrementar seus efeitos terapêuticos. Ainda, além das ervas e das massagens, os tratamentos Ayuevédicos utilizam a astrologia védica (Jyotish) como ciência complementar, auxiliando nos tratamentos, diferente da fitoterapia.

Os usos, bem como as tradições e os métodos de cura da Índia permaneceram por muito tempo restrito ao subcontinente indiano e às civilizações citadas [a cima](#), principalmente os egípcios e os gregos; até que após-idade das trevas, com a chegada dos mercadores portugueses, o conhecimento foi novamente se difundindo, chegado assim ao Ocidente (MADALENO, 2015).

Outras civilizações, como as do Timor, na Indonésia, também deixaram rastros da utilização de espécies de plantas medicinais no período antes de Cristo, algumas com datação aproximada de 11.000 anos a.C (ROCHA et al., 2021; VAZ, 2022). Há ainda registros arqueológicos que comprovam que civilizações recentes, presentes na América do Sul e na América Pré-Colombiana também detinham o conhecimento sobre o uso medicinal de espécies medicinais como a ipecacuanha (*Cephaelis ipecacuanha*), a quina (*Chincona sp.*) e a coca (*Erythroxylum coca*), e estes conhecimentos eram amplamente difundidos em 5.000 a.C (ROCHA et al., 2015; ROCHA et al., 2021). De acordo com estudos, os vegetais deixaram menos vestígios, devido a sua composição e às condições de cada local, que variam em acidez do solo, taxa de umidade e outros fatores, o que em alguns casos impossibilita, ou dificulta o rastreamento de dados arqueológicos em algumas civilizações (FLANDRIN; MONTANARI, 1998; NEVES, 2012).

Para Santana *et al.* (2018) e Brasil (2012), o uso de plantas medicinais esteve presente em todas as antigas e até mesmo nas atuais civilizações, sendo este hábito responsável por desempenhar papel fundamental na manutenção não só da saúde dos povos, por serem tidas como recurso terapêutico, mas também na cultura e identidade dos mesmos, por coexistirem com crenças, valores e necessidades. Observa-se que o uso das plantas está relacionada com o sucesso evolutivo da nossa espécie, uma vez que, mesmo antes da escrita e da formação das cidades, este conhecimento já era amplamente difundido entre os grupos humanos, e em muitos momentos contribuiu para a manutenção da vida dos nossos ancestrais. A fitoterapia ajuda o organismo a normalizar funções fisiológicas prejudicadas, restaurando a imunidade enfraquecida e promovendo a desintoxicação (BADKE, 2008; OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2006; RIBEIRO; GUIMARÃES, 2013; SANTANA *et al.*, 2018; JARDIM *et al.*, 2023).

CONCLUSÃO

A partir da revisão bibliográfica realizada, torna-se possível fazer o resgate de informações a respeito do uso de plantas medicinais no período antes de Cristo, expondo de forma significativa como se deu a dispersão global das plantas medicinais e dos conhecimentos a respeito das mesmas, em diferentes épocas e de acordo com os povos que habitavam em cada região, representando o relacionamento de saberes que estes mantinham e lentamente disseminaram ao redor do globo. Estas informações demonstram que o estudo contribui de forma detalhada e rigorosa para o conhecimento do avanço temporal da aplicação de plantas para o tratamento de doenças físicas e mentais, expondo a origem da fitoterapia, bem como dos tratamentos fitoterápicos.

Por conseguinte, evidencia-se que o uso de plantas com propriedades medicinais correlaciona-se com o início da história evolutiva dos seres humanos e, perpassou o cotidiano de grandes civilizações que antecederam as atuais, como os egípcios, os gregos, os chineses, os hindus e os mesopotâmios, podendo está prática estar relacionada com o sucesso evolutivo da nossa espécie, uma vez que, em diversos pontos da nossa história o uso de plantas como medicamentos contribuiu para a manutenção da vida dos nossos ancestrais.

O preste artigo, como pretendido, compila informações tidas como etnobotânicas, que por conter conhecimentos e técnicas desenvolvidas ao longo dos séculos, que em muitos casos apresentam comprovações científicas, trazem benefícios para as sociedades modernas (AMOROZO, 2002), pois, podem fomentar e embasar novas pesquisas e descobertas dentro das mais diversas áreas de estudo. Visto que, esta ciência, que é definida como o estudo que compreende as relações e interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais que ocorrem entre as sociedades humanas e as plantas (BECK; ORTIZ, 1997), é considerada multidisciplinar e engloba e impulsiona outras ciências como a sociologia, a botânica, a ecologia e a farmácia, que são constantemente aplicadas em estudos que podem beneficiar as gerações atuais, e as futuras.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. **Breve introdução à etnobiologia evolutiva.** 1. ed. Recife: Nupeea, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346641675_BREVE_INTRODUCAO_A_ETNOBIOLOGIA_EVOLUTIVA. Acesso em: 10 set. 2024.
- ALMEIDA, M. Z. **Plantas Medicinais.** 3.ed. Salvador: EDUFBA, 2011. 221 p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/xf7vy/pdf/almeida-9788523212162.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- ALVES, L. F. Laboratório flora medicinal: marco no estudo das plantas medicinais brasileiras. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 30-40, nov. 2005. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19134>. Acesso em: 12 set.2024.
- AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v.16, n.2, p.189-203, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/KX7Xy9RPn5qpyXhmt7YfntL/#>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- BADKE, M. R. **Conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais e o cuidado de enfermagem.** 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/7310>. Acesso em: 20 jun.2024.
- BARBOSA, A. Efeitos medicinais da Guaçatonga na cicatrização de feridas: revisão de literatura. **Revista Saúde em Foco**, Congonhas, n. 11, p. 11-21, 2019. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/02/003_EFEITOS-MEDICINAIS-DA-GUA%C3%87ATONGA.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.
- BECK, H. T.; ORTIZ, A. Proyecto etnobotánico de la comunidad Awá en el Ecuador. In: RIOS, Montserrat; PEDERSEN, Henrik Borgtoft. (ed.). **Uso y manejo de recursos vegetales:**

memorias del segundo simposio ecuatoriano de etnobotánica y botánica económica. 5. ed. Quito: AbyaYala, 1997. p.159-176. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/MontserratRios/publication/283122891_Uso_y_manejo_de_recursos_vegetales_en_el_Ecuador_Memorias_del_Segundo_Simposio_Ecuatoriano_de_Etnobotanica_y_Botanica_Economica/links/562bd5fe08ae04c2aeb357d8/Usoy-manejo-de-recursos-vegetales-en-el-Ecuador-Memorias-del-Segundo-SimposioEcuatoriano-de-Etnobotanica-y-Botanica-Economica.pdf. Acesso em: 21 maio 2024.

BELTRÁN GUERRA, J. A. Historia de la preservación de cadáveres humanos. **Morfolia**, Bogotá, v.3, n.2, p. 13-18, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/25022>. Acesso em: 10 ago, 2024.

BRAGA, C. M. **Histórico da utilização de plantas medicinais.** 2011. 24 f. Monografia (Licenciatura em Biologia) - Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade Estadual de Goiás, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/1856>. Acesso em: 13 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica.** Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012, p.151, (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica; n. 31). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

BRASIL. Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. **Plantas Medicinais e Fitoterápicos.** Departamento de Apoio Técnico e Educação Permanente. Comissão Assessora de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. 2019. Disponível em: http://www.crfsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8467-cartilhade-plantas-medicinais-e-fitoterapicos.html. Acesso em: 21 maio. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Catálogo da Exposição Comemorativa dos 15 anos da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.** Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Brasília, 2022. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/exposicao_comemorativa_15_anos_politica_plantas_medicinais.pdf. Acesso em: 02 maio, 2024.

BRASILEIRO, A. M. M. **Como produzir textos acadêmicos e científicos.** São Paulo, Contexto, 2021, p 272.

CARVALHO, A. L. D. O.; BARBOSA, R. C. A saúde da mulher no mundo antigo: referências para interpretar Plínio, o velho. **História Revista.** Goiânia, v. 28, n. 1, p. 216–235, jan./abr 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/75297>. Acesso em: 10 set, 2024.

CAVALLAZZI, M. L. **Plantas medicinais na atenção primária à saúde.** 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88822>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CORBI, R. C. Levantamento de plantas medicinais e sua utilização terapêutica junto aos moradores da região do Programa de Assentamento Bela Vista do Chibarro (Araraquara-SP). 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente)–Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Centro Universitário de Araraquara, Araraquara, 2014. Disponível em: <https://www.uniara.com.br/arquivos/file/ppg/desenvolvimento-territorial-meioambiente/producao-intelectual/dissertacoes/2014/rodrigo-cesar-corbi.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2022.

DEVEZA, A. C. R. S. Ayurveda: a medicina clássica indiana. **Revista de Medicina**, São Paulo, v.92, n.3, p.156-65, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v92i3p156-165>. Acesso em: 11 set. 2024.

DEVIENNE, K. F.; RADDI, M. S. G.; POZZETTI, G. R. Das plantas medicinais aos fitofármacos. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 6, p. 11-14, 2004. Disponível em: https://www1.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Botanica/RBPM-RevistaBrasileiradePlantasMedicinais/artigo_3_v6_n3.pdf. Acesso em: 28 maio, 2024.

DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar.** São Paulo: Editora Unesp, 1996. 230 p.

ELDIN, S.; DUNFORD, A. **Fitoterapia na atenção primária à saúde.** São Paulo: Manole, 2001. 163 p.

FRANÇA, I. S. X.; SOUZA, J. A.; BAPTISTA, R. S.; BRITTO, V. R. S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn**. Brasília, v.61, n.12, p. 201- 208, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/dYkMVhNDT7ydC55WTzknHxs/?lang=pt>. Acesso em 10 set. 2024.

FIGUEIREDO-LIMA, J. J. As Plantas na História da dor. **Rev Soc Port Anestesiologia**, Portugal, v.22, n.4, p.126-133, 2013. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/anestesiologia/article/view/3381>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FLANDRIN, JL.; MONTANARI, M. **História da alimentação.** Tradução: Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 888 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 4º Edição, 2002. 176 p. Acesso em: 08 jun. 2024.

JARDIM, L; SOSSAE, F. C.; RIBEIRO, M. L. Das cavernas ao Sistema Único de Saúde (SUS): importância da inserção e regulamentação das plantas medicinais ao longo do tempo. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, Araraquara, v. 26, n.1, p. 63-81, 2023. Disponível em: <https://10.0.97.229/2527-2675/ReBraM/2023.v26i1.1936>. Acesso em: 10 jun. 2024.

JARDIM, L. **Uso de plantas medicinais por usuários do Sistema Único de Saúde em um município do interior do estado de São Paulo.** 2024. 248 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, Universidade de Araraquara- UNIARA, Araraquara, 2024. Disponível em: <https://www.uniara.com.br/ppg/desenvolvimento-territorial-meio-ambiente/producao-intelectual/dissertacoes/>. Acesso em: 20 maio, 2024.

JORGE, S. S. A. **Plantas medicinais coletânea de saberes.** [s.n]: [S.I]. [2000- ?]. 85 p. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/AlexandrePanerai/plantas-medicinaiscoletaneadesaberes>. Acesso em: 16 jun. 2025.

LEONEL, S.; SAMPAIO, A. C. **A figueira.** São Paulo, Editora Unesp, 2011. 396 p. Disponível em: <https://editoraunesp.com.br/catalogo/9788539301874,a-figueira>. Acesso em: 10 ago. 2024.

LIETAVA, J. Medicinal plants in a Middle Paleolithic grave Shanidar IV?. **Journal of Ethnopharmacology**, v.35, p. 263-266, 1992. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/037887419290023K>. Acesso em: 16 maio, 2024.

LONGRICH, N. R. Por que os humanos modernos substituíram os neandertais? A chave pode estar em nossas estruturas sociais. **Super Interessante**, 10 abr. 2024. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/por-que-os-humanos-modernos-substituiram-os-neandertais-a-chave-pode-estar-em-nossas-estruturas-sociais>. Acesso em 17 jun. 2024.

LOPES, M. C. B. O Calendário Atual. História, algoritmos e observações. **Millenium**, Portugal, n. 43, p. 107-125, jun-dez 2012. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/2221>. Acesso em: 04 jun. 2024.

LÓPEZ, R. E. S.; SILVA, L. L. C. **Saberes, Ciências e Plantas Medicinais: uma abordagem multidisciplinar.** Rio de Janeiro: Farmanguinhos/Fiocruz, 2024. 486 p. Disponível em: <https://www.far.fiocruz.br/2024/04/baixe-o-livro-saberes-ciencias-e-plantas-medicinais-gratuitamente/>. Acesso em: 10 set. 2024.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil:** nativas e exóticas. 2^a. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 576 p.

MADALENO, I. M. Plantas medicinais consumidas em Cochim, no século XVI e na atualidade. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, Belém, v.10, n.1, p.109-142, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/vb9dGrwqq3Zz3tJnK9FhyRt/?lang=pt#:~:text=S%C3%A3o%20dez%20as%20especiarias%20e,a%C3%A7afr%C3%A3o%2Dda%2Dterra>). Acesso em: 10 jan. 2023.

MANFRINI, A. M. **Reconhecimento e Potencialidades de Plantas Medicinais Ayurvédicas Utilizadas na Medicina popular pela Comunidade da Costa de Cima, Lagoa do Peri, Florianópolis/SC.** 2009. 129 f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30408953.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2024.

MARCHI, J. P. *et al.* Curcuma longa L., o açafrão da terra, e seus benefícios medicinais. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 20, n. 3, p. 189-194, set-dez 2016. Disponível em: <https://www.revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5871>. Acesso em:

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5.ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2003. 311 p. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-eindia/view. Acesso em: 21 jun. 2023.

MARQUES, M. N. **Origem evolução do nosso calendário**. Lisboa, 2006. Disponível em: <https://www.mat.uc.pt/~helios/Mestre/H01orige.htm>. Acesso em: 06 jun. 2024.

NERY, D. R. **O Ayurveda na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC): análise do material didático do Sistema Único de Saúde (SUS)**. 2019. 195 f. Monografia (Especialização em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/37794>. Acesso em: 3 jan. 2023

NEVES, E. G. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)**. Tese para Concurso de Título de Livre Docente, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002339143>. Acesso em: 13 set. 2024.

OLIVEIRA, M. J. R.; SIMÕES, M. J. S.; SASSI, C. R. R. Fitoterapia no Sistema de Saúde Pública (SUS) no Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, n.2, v.8, p.39-41. 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/68776>. Acesso em: 13 ago. 2022.

OLIVEIRA, H. W. C. **Cerrado e plantas medicinais: algumas reflexões sobre o uso e a conservação**. 2011. 30 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Naturais) - Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, dez 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4504/1/2011_HansWernerCastroOliveira.pdf. Acesso em: 29 maio. 202.

PALHARIN, L. H. DC. *et al.* Estudo sobre Gengibre na medicina popular. **Revista científica eletrônica de agronomia**, Garça, n.14, dez 2008. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/5D3Ju05EHeEnqPl_2013-5-10-12-17-59.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

PERNONCINI, K. V.; OLIVEIRA, R. M. M. W. Usos terapêuticos potenciais do Canabidiol obtido da *cannabis sativa*. **Revista UNINGÁ Review**, Maringá, v.20, n.3, p.101-106. 2014. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20141208_074707.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.

PERPÉTUO, N. C. C. R. *et al.* Breve história da toxicologia vegetal: alguns usos das plantas tóxicas ao longo do tempo. **História da Ciência e Ensino (construindo interfaces)**, São Paulo, v.20 (especial), p. 248-264, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/2178-2911.2019v20espp248-264>. Acesso em: 12 set. 2024.

PINSKY, J. **As primeiras civilizações**. 25. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 128 p.

POMEROY, E. *et al.* New Neanderthal remains associated with the ‘flower burial’ at Shanidar Cave. **Antiquity Publications Ltd**, Cambridge, v. 94, n. 373, p. 11–26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15184/aqy.2019.207>. Acesso em: 11 set. 2024.

PORTELINHA, M. K. *et al.* Reinterpretando as plantas medicinais a partir do referencial yinyang da Medicina Tradicional Chinesa. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 7, n. 3, maio 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/9225>. Acesso em: 20 ago. 2024 .

RADOMSKI, M. I. Plantas medicinais: tradição e ciência. 2003. In: SEMANA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO, 1., 2003, Colombo. Florestas e Meio Ambiente: palestras. Colombo: Embrapa Florestas, 2003. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/308610>. Acesso em: 13 maio. 2024.

RAVEN, Peter H.; EVERET, Ray F.; EICHHORN, Susan E. **Biologia vegetal**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.1637 p.

RIBEIRO, L. H. L. **Território e macrossistema de saúde: os programas de fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS)**. 2015. 305 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2015. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/136971/territorio-e-macrossistema-de-saude-os-programas-de-fitoter>. Acesso em: 10 out. 2024.

RIBEIRO, L. H. L. Análise dos programas de plantas medicinais e fitoterápicos no Sistema Único de Saúde (SUS) sob a perspectiva territorial. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n.5, v.24, p.1733-42, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/t4mKYxxdLM8nNvhtWLkbBVz/?lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2024.

RIBEIRO, K. S.; GUIMARÃES, A. L. A. O uso de medicamentos à base de plantas medicinais por médicos do SUS no município de Teresópolis/RJ. **Revista Agrogeoambiental**, Pouso Alegre, Edição Especial, n.1, p.61-65, ago. 2013. Disponível em: <https://agrogeoambiental.ifsuldeminas.edu.br/index.php/Agrogeoambiental/article/view/581>. Acesso em: 20 abr. 2023.

RICO, J. M. T. **Plantas medicinais**: passado, presente e futuro. Lisboa, Editora Academia das Ciências de Lisboa, 2018. 17 p. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/45893>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ROCHA, F. A. G. *et al.* O uso terapêutico da flora na história mundial. **Holos**, Natal, vol. 1, p. 49-61, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547176007>. Acesso em: 22 ago. 2024.

ROCHA, L. P. B. *et al.* Uso de plantas medicinais: Histórico e relevância. **Research, Society and Development**, Itabira, n. 10, v. 10, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18282>. Acesso em: 20 mai.2024.

SANTANA, M. D. O. *et al.* O poder das plantas medicinais: Uma análise histórica e contemporânea sobre a fototerapia na visão de idosas. **Revista Multidebates**, Palmas, v.2, n.2, p. 10-2, set. 2018. Disponível em: <https://revista.faculdadeitop.edu.br/index.php/revista/article/view/116>. Acesso em 11 set. 2024.

SIGOLO, R. P. **Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde**: contando várias histórias. Florianópolis: NUPPe / UFSC, 2015. 218 p. Disponível em: https://www.academia.edu/43721414/Plantas_medicinais_e_os_cuidados_com_a_sa%C3%A3o_Ade. Acesso em: 04 abr. 2024.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em Enfermagem: uma modalidade convergente-assistencial (Série Enfermagem- REPENSUL)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. 162p.

VAZ, M. M. **Uso de plantas medicinais no Sistema Único de Saúde**: uma revisão da produção científica no período de 2012 a 2022. 2022. 45 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/255766>. Acesso em: 20 ago, 2024.

VEYNE, P. **Quando Nosso Mundo Se Tornou Cristão**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011. 124 p. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=5114823&forceview=1>. Acesso em: 04 jun. 2024.

VICTÓRIO, C. P.; LAGE, C. L. S. Uso de Plantas Medicinais. **Revista Arquivos FOG (Saúde, Sociedade, Gestão e Meio Ambiente)**, v.5, n., p. 33-41, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341793804_Uso_de_Plantas_Medicinais. Acesso em: 11 set. 2024.

WHO. World Health Organization. **Regulatory situation of herbal medicines: a worldwide review**. Programme on Traditional Medicine. 1998. World Health Organization. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/63801>. Acesso em: 20 jun. 2024.

HISTÓRICO

Submetido: 21 de Março de 2025.

Aprovado: 09 de Junho de 2025.

Publicado: 20 de Julho de 2025.

COMO CITAR O ARTIGO – ABNT

JARDIM, L.; SOSSAE, F.C.; RIBEIRO, M. L. O uso de plantas com propriedades medicinais antes de Cristo: a origem da fitoterapia. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 3, n. 14, e2025018, 2025.